

AS ESTRATÉGIAS DA MEMÓRIA E A CONSTRUÇÃO DA IDENTIDADE

Maria Teresa Toribio Brittes Lemos

Universidade do Estado do Rio de Janeiro –UERJ

Centro de Ciências Sociais -CCS

Introdução

Desde as primeiras décadas do século XX, com a obra de Maurice Halbwachs sobre os *Quadros Sociais da Memória*, historiadores e cientistas sociais, além dos psicólogos, reconheceram a importância de se aprofundar os estudos da memória coletiva para maior entendimento dos processos identitários dos grupos sociais. A necessidade de se conhecer a formação e a transmissão da memória coletiva dominou os autores da memória. Assim, os estudos de Pierre Nora sobre os Lugares da Memória, como noção abstrata e puramente simbólica, destinada a desentranhar a dimensão rememoradora dos objetos materiais e sobretudo imateriais que permeiam os grupos sociais, alertaram os historiadores para o poder da memória coletiva.

Os historiadores da Escola dos Annales também contribuíram substancialmente para o entendimento da memória como fonte para a construção da história social ou das mentalidades, como Jacques Le Goff, Georges Duby, Aurore Becquelin, além dos aportes recebidos de James Fentress e Chris Wickham e da psicologia através dos estudos de Maurice Moscovici, Denise Jodelet, Celso Sá entre outros estudiosos. Esses autores apontaram a necessidade de se valorizar as lembranças, as recordações e as representações do passado, através de um imaginário reformulado pelo tempo, anacrônico, não comprometido com verdades, compreendendo apenas informações retidas na memória, contada pelos mais velhos, ou apreendidas pela interação dos grupos sociais.

As lembranças passaram a ser valorizadas, assim como a cultura popular, desde a tradição à oralidade. A história precisa se abastecer dessas memórias, de suas estratégias de guardar ou esquecer acontecimentos, de suas astúcias em organizar as representações do passado vivido ou imaginado, versões de uma realidade ou uma irrealidade. Os especialistas em Ciências Sociais reconhecem que memória é feita de fragmentos dispersos, muitas vezes evasivos, frutos de uma imaginação criativa, de lembranças individuais ou coletivas, versões da realidade e imaginário.

A memória constitui também um espaço de divergências e confrontos, esquecimentos e silêncios, de práticas individuais e sociais e dos espaços de apropriação. Reconfiguração e recuperação das distintas visões do passado fazem parte da memória e de suas estratégias de lembrar, recordar, criar representações e construir elos identitários dos grupos sociais. E estratégias de dominação são mecanismos reveladores de manipulação da memória coletiva como instrumento de poder.

As estratégias da memória e a construção da identidade

A Memória e a Identidade representam elementos que vêm sendo discutidos ao longo da história, de acordo com cada vertente científica. No entanto, a partir do século XX os estudos sobre a memória tomaram um impulso muito grande, no mundo das ciências físicas e biológicas, quanto nas ciências sociais. Entretanto, ainda se discute a questão da memória individual como reconstituição do passado ou armazenamento das experiências. Mas foi com Maurice Halbwachs, seguindo Henri Bergson, que o elo entre a memória individual e coletiva foi consolidado. Halbwachs considerou a memória coletiva como a construtora da identidade cultural do grupo, em sua obra Memória Coletiva.

O autor apontou para a reelaboração da memória coletiva em diferentes grupos sociais e em tempos diferentes, exemplificando com a influência das crenças religiosas em momentos diversos da história, assim como para outros acontecimentos. Ele assinalou que a memória social possui não somente uma base imaterial, mas um fundamento material, que pode ser documentado ou registrado. A memória social materializada associada à imaterializada constituirá a história.

Halbwachs percebeu convergências e enfrentamentos da memória coletiva ou social com a história, porque tanto uma quanto outra possuem o mesmo conteúdo material - o passado de uma sociedade, cultura ou grupo. O passado constitui uma das convergências, pois é a base material da memória e da história, assim como o esquecimento ou ocultação, pois história também tem seus esquecimentos, a partir de um entrave ideológico, escreve Wehling¹. Os enfrentamentos entre história e memória são intensos, conforme explica Wehling, citando Jorge Luis Borges: "Somos feitos, em grande parte de memória. Esta memória é constituída, em grande parte, de esquecimentos" e Nietzsche afirma que "é possível viver quase sem lembrar, e ser feliz, como demonstra o animal, mas é impossível viver sem esquecer".²

Para Halbwachs, a memória é simplificadora enquanto a história é complexa. A memória coletiva retém o que é essencial de determinados acontecimentos ou processos. Philippe Joutard complementa essa análise, afirmando que a memória se baseia na identidade e legitimidade de um grupo na sua lembrança histórica, organizando-se em torno de um evento fundador que absorve os precedentes e os posteriores, pois o tempo da memória é indefinido - o tempo histórico é preciso (a partir de procedimentos cronológicos rigorosos).³

¹ Wehling, A- Memória e História. Fundamentos, convergências, conflitos, In Memória Social e Documento. RJ, 1997., UNIRIO, p. 9

² - Borges, L. – Apud Wehling, op. cit., p. 18

Wehling escreve que a sociedade da memória é quase imóvel e da história é dinâmica (vive suas conjunturas que se transformam), pois enquanto a memória escolhe espaços emblemáticos, a história os relativiza. E conclui que :“A memória se articula em torno de um evento axial e a história em torno de uma questão”⁴.

Em artigo recente, Robert Jaffard⁵ escreve sobre a diversidade da memória, enfatizando que a idéia de uma memória múltipla se impôs a partir dos anos 1970. Embora detalhe os laços entre os comportamentos, fisiologia e mecanismos moleculares da memória, seus estudos nos permitem inferir alguns aspectos sobre a memória e suas estratégias para a construção da identidade dos grupos sociais⁶.

Para o autor, a memória é uma função “inteligente”, que permite aos homens aproveitar experiências passadas para resolver os múltiplos problemas que o cercam, conferindo a eles aptidões diversas que vão do simples reflexo condicionado à lembrança de acontecimentos pessoais. E, especialmente sobre o tema que tratamos, Jaffard afirma que a memória se utiliza de “regras para antecipar os acontecimentos”, que consistem numa das astúcias ou estratégias da memória para a manutenção da identidade.

Da mesma forma que Jaffard, Georges Chapoutier⁷ confirma que a memória se torna mais complexa com a evolução biológica e acrescenta que a característica do homem é de possuir, além de sua própria memória, memórias paralelas, como

³ - Joutard, P. – Mémoire Collective, In Dictionnaire des Sciences Historiques. Paris, PUF, 1986, p. 447 Apud, Wehling, op. cit., p. 18

⁴ Idem, op. cit., p. 19

⁵ - Robert Jaffard é diretor do Laboratório de Neurociências Cognitivas da Universidade de Bordeaux.

⁶ -Jaffard, Robert – La diversité de la Mémoire- Préface da la Revue Dossier pour la Science. Paris, Édition Française de Scientific American, Série -Avril/Juillet 2001 – La Mémoire –Le Jardin de la Pensée, p. 4

⁷ Chapoutier, Georges – Mémoire et évolution biologique. Paris, Ed.Française de Scientific American, avril-juillet, 2001, p. 8 (Dossier pour la Science)

George Chapoutier é diretor de pesquisa em CNRS, Université de Paris 6 e Paris 7.

livros e computadores, que são formas estratégicas de reter os acontecimentos sociais.

A análise de Chapoutier nos chama a atenção pelo fato do autor, além de estudos específicos da memória e evolução biológica, preocupar-se com a capacidade prodigiosa, ou, como ele diz, “monstruosa” de memorização, que atribui não somente a uma qualidade aos vertebrados de sangue quente, mas também a um problema que divide ainda os filósofos, tanto da natureza quanto da cultura. E aponta um aspecto específico do homem, que é a capacidade de criar instrumentos capazes de simular o mundo e, conseqüentemente, capazes de memória, como os livros, bibliotecas, arquivos, filmes e, mais recentemente, as memórias dos computadores⁸.

Embora pretendamos abordar as estratégias da memória como construtoras de identidade dos grupos sociais, pois são fundamentais para que as lembranças, os fatos vividos, apreendidos ou rememorados passem a constituir a nossa memória, são significativos os aportes teóricos daqueles autores que, de seus laboratórios, estudam a memória como um fato social e do cotidiano.

No entanto, há outras estratégias, mas que são perigosas - as falsas lembranças - Essas falsas lembranças nem sempre constituem recordações, mas, ao contrário, elementos construídos através de sugestões e imaginação, criando acontecimentos que jamais foram produzidos, mas que passam a fazer parte da memória de quem ouve. As falsas lembranças são freqüentemente produzidas pela combinação de recordações reais e sugestões de terceiros, conforme escreve Elizabeth Loftus⁹, em seu artigo Les Faux Souvenirs.

⁸ - Idem, op. cit., p. 12

⁹ - Elizabeth Loftus é professora de Psicologia da Universidade de Washington e Presidente da Associação Americana de Psicologia. Mémoire et évolution biologique. Paris, Ed. Française de Scientific American, avril-juillet, 2001,

Embora naquele artigo a Dra. Loftus estivesse preocupada com os pacientes que teriam dificuldade em distinguir as verdadeiras lembranças das falsas, e após conhecer relatos de psicólogos que revelaram como as falsas lembranças de experiências comoventes são criadas entre os adultos, observou, também, que as pressões sociais sobre o indivíduos colaboram para o aparecimento dessas falsas recordações. Nesse caso, não podemos considerar essa problemática como uma estratégia da memória coletiva, mas uma estratégia para valorizar um fato que muitas vezes atormenta um indivíduo. É uma memória que se desenvolve no grupo, como observou Celso Sá e não coletiva.

Um outro aspecto a ser considerado refere-se à distinção entre História e Tradição, no qual a memória coletiva de grupos sociais encontra-se presente. Natham Wachtel¹⁰, ao fazer a distinção entre a História e Tradição, escreveu que, no período da conquista do Novo Mundo, os europeus não aceitaram as histórias dos nativos como sendo a história desses povos e considerou-as Tradição. No entanto, essa Tradição, guardada na memória dos descendentes dessas sociedades, contada pelos mais velhos, com alguns fatos esquecidos, aumentados ou outros interpolados, passou a constituir a história desse povo. Assim, o autor conclui que "a tradição é com certeza história e, mesmo que transporte os despojos de um passado longínquo, ela é uma construção histórica relativamente recente"¹¹.

A Memória, diferente da História que procura fatos e sutilezas para a sua compreensão, não tem compromissos com verdades, tempo e espaço. A memória é anacrônica, repetitiva, formada por lembranças de fatos vividos, apreendidos, falsos ou verdadeiros. Todos os acontecimentos que chegam ao indivíduo passam a fazer parte da sua memória e aí se encontra a sua estratégia. A memória pode guardar fatos, ocultar, esquecer e mesmo silenciar. Muitas vezes há necessidade não apenas de um indivíduo, mas de uma comunidade esquecer

¹⁰ - Wachtel, Nathan – *La Visión des Vaincus* (1971). Apud, Le Goff *História e Memória*, SP.Edit.Uncamp,1996, p.69

¹¹ -Idem, op. cit., p.96

um fato, que se lembrado poderá trazer sentimentos de tristeza, rancor ou mesmo revanche. Os esquecimentos e os silêncios colaboram para a manutenção da estrutura social. No entanto, essas recordações poderão afluir a qualquer momento, pois fazem parte do imaginário social e constituem as resistências sociais.

Em Vitória da Conquista, por exemplo, o Golpe de 1964 traumatizou a população, especialmente por se tratar de uma cidade do interior baiano, onde eram fortes os laços de amizade entre os moradores. A morte, a prisão, o desaparecimento e a cooptação de alguns desses moradores pelo novo sistema causaram um terror entre os que escaparam. A população procurou não falar nas mortes, nas prisões e no desaparecimento de alguns ativistas, embora nas Atas da Câmara dos Vereadores esses fatos estivessem apontados. A cidade calou-se e um profundo silêncio reinou até os dias atuais, quando uma professora resolveu estudar o porquê desse silêncio, resultando em sua dissertação final de Mestrado, que lhe custou quase dois anos para conseguir alguns depoimentos¹².

A mesma estratégia da memória pode ser observada na obra *Los Sapos de La Memória*, da escritora cordobesa Graciela Bialet. Para escapar da censura argentina, a autora escreve, sob a forma de narrativa, um conto infantil sobre a história dos desaparecidos pela ditadura instalada no país e o drama da avós da Plaza de Mayo. Em sua obra, os filhos dos desaparecidos à procura da sua identidade tentam descobrir quem foram seus pais e de que maneira morreram nas prisões. Foi a maneira encontrada pela autora para repassar a memória sobre os desaparecidos com a repressão no seu país.

No conto *Los Sapos de La Memória*, a voz dos filhos dos desaparecidos pode ser ouvida. Além dos relatos das testemunhas, e da memória dos entrevistados, a

¹² -Souza, Mercia Silva de – dissertação apresentada ao Mestrado, intitulada “Memória e Silêncio em Vitória da Conquista” – O Golpe de 1964, UNIRIO, 2001

narrativa de Graciela Bialet incorpora e reúne a história de um jovem à de seus pais, vítimas da violência que viveu a Argentina durante a última ditadura militar.

Nessa narrativa, a estratégia da memória para construir a identidade do personagem consistiu no silêncio premeditado, e muitas vezes não desejado, dos que participaram dos acontecimentos. O personagem aos poucos ficou conhecendo fragmentos de seu passado, pagando como escreve Graciela

“ cotas de demônios e pesadelos quando o personagem confrontou-se com a verdade do grupo social em que estava envolvido(avós, tios , amigos e vizinhos) que lhe rememorou fatos de sua vida contados em forma de conta-gotas; talvez para preservar-lhe de dores insuportáveis”¹³ . A memória procura de forma estratégica esconder a verdade, mas, como conta Juan Manuel Serrat, “ nunca es triste la verdad, lo que no tiene es remedio”¹⁴. Os silêncios, os esquecimentos e os ocultamentos constituem estratégias de racionalidade da memória coletiva para a preservação dos grupos sociais.

Da mesma forma, Vargas Llosa escreve sobre os Pishtacos em sua obra Lituma dos Andes. Os Pishtacos ainda permanecem no imaginário andino. Personagens míticos da época pré-hispânica que assombravam a sociedade, matando e retirando dos cadáveres suas gorduras para sobreviverem, durante a dominação espanhola foram utilizados como representação do poder para submeter a população nativa pelo terror. Atualmente, reapareceram na memória coletiva como aquele que tortura, a serviço do poder oficial, submetendo a população pela força e extraindo dos homens a sua “energia vital”. A crença nos pishtacos demonstra o profundo temor da população diante dos governantes que supostamente os enviam para sacrificar cruelmente a gente inocente”¹⁵.

¹³ - Bialet, Graciela- Los Sapos de La Memoria. Córdoba, Colección Memoria y Maravilha, 2000.

¹⁴.idem, op. cit, , 4ª p.

¹⁵ Macera, Pablo e Forns, Santiago – Nueva Crónica Del Perú Siglo XX. Lima, Fondo Editorial del Congreso del Perú, 2000, p. 490:491 Os pishtacos , aqueles que secam os indivíduos retirando-lhes a gordura do corpo. Atualmente, esses personagens míticos permanecem na memória coletiva andina conhecidos também como “ rouba-olhos”.Em Ayacucho, camponeses contam que houve

Vargas Lhosa descreve a presença dos Pishtacos na serra peruana. O povo se lembra deles, muitos dizem que conheceram vários pishtacos e os descrevem de forma horrenda. Eles metem muito medo. Todos acreditam. Os pishtacos conseguem assustar mais a população da serra que os “ terrucos” ou Senderos Luminosos.

Essas histórias pertencem a um passado mítico, mas permanecem na memória coletiva andina como estratégias para lembrar às comunidades os perigos do poder e do autoritarismo, numa sociedade dominada pelo medo.

Da mesma forma que em Lituma dos Andes , Vargas Lhosa narra em A Festa do Bode a dominação da República Dominicana por Trujillo. A memória coletiva permite que a sociedade dominicana nunca se esqueça dos anos de terror e tortura pelos quais o país passou. A sociedade não se preocupa em saber se tudo o que contam sobre Trujillo era verdade ou não. A sociedade se interessa pelas recordações e as histórias dos mais velhos, dos familiares e vizinhos que conviveram com o general dominicano e suas crueldades.

Dessa forma, observamos que a memória coletiva é um elemento de cristalização da identidade dos grupos sociais e que, por isso mesmo, necessita articular estratégias para a coesão e permanência dessa identidade.

uma invasão de pishtacos, aterrorizando a população e uma mulher do povoado lembra que viu quatro gringos com túnicas brancas levando um menino; outro camponês encontrou o cadáver de um menino, sem olhinhos, numa valeta e que os rouba-olhos tinham colocado cinquenta dólares em seu bolso, narra Mario Vargas Lhosa em seu livro Lituma nos Andes, baseado nas histórias locais, op. cit., p152. Sobre os pishtacos , consultar Macera, Pablo e Forns, Santiago em sua obra Nueva Crônica Del Perú Siglo XX.

Segundo Le Goff “ a memória, onde cresce a história, que por sua vez a alimenta, procura salvar o passado para servir o presente e o futuro¹⁶ .

¹⁶ -Le Goff, Jacques – História e Memória. SP., Unicamp, 1996, p. 477

Bibliografia

Bialet, Graciela- Los Sapos de La Memoria. Cordoba Colección Memoria y Maravilha, 2000.

Jaffard, Robert – La diversité de la Mémoire- Préface da la Revue Dossier pour la Science. Paris, Édition Française de Scientific American, Série -Avril/Juillet 2001

Joutard, P. – Mémoire Collective, In Dictionnaire des Sciences Historiques.Paris, PUF, 1986,

Le Goff, Jacques – História e Memória. SP., Unicamp, 1996

Loftus, Elizabeth- Mémoire et évolution biologique. Paris, Ed.Française de Scientific American, avril-juillet, 2001

Macera, Pablo e Forns, Santiago – Nueva Crônica Del Perú Siglo XX. Lima, Fondo Editorial del Congreso del Perú, 2000

Wachtel, Nathan – La Visión des Vaincus (1971). Apud, Le Goff História e Memória , SP.Edit.Unicamp,1996, p.69

Wehling, A- Memória e História.Fundamentos, convergências , conflitos, In Memória Social e Documento. RJ, 1997., UNIRIO,